

O sono a uns faz  
dormir... e a ou-  
tros faz sonhar...

ANO V — N.º 113  
ABRIL  
14  
1957

# A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216

LOULÉ

## Fala a razão

SOMOS tomados de verdadeiro júbilo sempre que uma voz se levanta em defesa da nossa província focando problemas dum interesse indiscutível. De ta vez registamos com o maior desvanecimento a intervenção do deputado pelo Algarve, nosso ilustre conterrâneo Coronel Sousa Rosal o qual, numa exposição feita na Assembleia Nacional, relatou a precária, situação em que se encontra uma parte da produção de figos algarvio, cuja quantidade e valor, uma vez perdidos, levantam um grave problema económico, primeiro em relação ao comércio da especialidade, e depois em relação à agricultura, sua subsidiária enossa melhor fonte de subsistência.

Concordamos em absoluto em com toda a matéria ali exposta e dela colhemos razões para crer que o Al-

Coronel Sousa Rosal

(Continuação na 4.ª página)

### O sr. Ministro das Obras Públicas visitou o Algarve

O algarvio não é exigente. É, pelo contrário, parcimonioso nas suas pretensões. Contenta-se com o que lhe dão e fica satisfeito, quando a dada vai de encontro a velhas aspirações.

Agora, que o dinâmico Ministro das Obras Públicas, Sr. Engº Arante e Oliveira, veio novamente ao Algarve para estudar de perto os seus mais instantes problemas, o algarvio vê renovadas esperanças de ver finalmente no caminho das realizações velhos problemas que há muito sonhava resolvidos.

Rejubilamos com mais esta visita ministerial e formulamos os nossos melhores votos por que dela advirão frutuosos resultados, para a nossa Província.

## O policiamento

### sobre os aros metálicos das carroças

A local em que nos referimos à fiscalização sobre as dimensões dos aros dos carros de tracção animal me recebeu ser ouvida pelo comando da prestimosa P. V. T. que procurou inquirir sobre o que se passava.

Podemos, assim, informar os nossos leitores (e os interessados...) de que as notícias até nós chegadas sobre a interpretação de carros de lava a atribuída às directrizes superiormente fornecidas à P. V. T., eram erradas.

Não é baseando-se na distinção entre carros isentos e não isentos que tem sido levantados autos mas no critério, que é o legal, de estarem ou

não as carroças registadas nas Câmaras à data da entrada em vigor do actual Código da Estrada, ou de não medirem os aros mais de 4 centímetros.

Assim, não podem circular sem risco de multa, os carros cujos aros sejam de largura inferior a esta medida mínima, qualquer que seja a data do seu registo nem aqueles cujos aros, de medida superior mas mais estreita que a fixada na lei em função da carga, que não estivessem registados até 31 de Dezembro de 1954.

Consequentemente, todos os carros, isentos ou não de imposto de trânsito, desde que se destinem à lava, tenham aros com 4 centímetros pelo menos e estejam registados na Câmara até 31 de Dezembro de 1954, podem circular sem risco até ao fim do ano de 1959.

Congratulamo-nos pelo esclarecimento do assunto e fomos assegurado que todos os

(Continuação na 3.ª página)

### «O Prémio Nobel» obteve grande êxito em FARO

Conforme augurámos, foi excelente o desempenho do Grupo de Amadores Farense na peça «Prémio Nobel» tendo obtido retumbante êxito as duas representações levadas a efeito nesta cidade em benefício da Santa Casa de Misericórdia de Faro.

Os nossos parabéns aos distintos amadores e os sinceros votos para que se abalancem a uma digressão artística que o presente êxito e a finalidade altruísta bem justificam... incluindo Loulé no seu itinerário.

Congratulamo-nos pelo esclarecimento do assunto e fomos assegurado que todos os

(Continuação na 3.ª página)

### A ligação rodoviária às automotoras

Da Empresa de Viação Algarve, Lda, recebemos a carta que a seguir publicamos gostosamente.

Não fazemos quaisquer comentários, porque, acima de tudo, temos de reconhecer que, aliás, como previríamos, a própria Empresa se havia antecipado à nossa sugestão e justo é reconhecerlo.

Parece-nos assim que tudo se concluiu em benefício de Loulé e esse é o nosso constante propósito. Assim restaram lembrar o velho rifão francês: «Tout marche bien... ce qui finit bien».

Faro, 5 de Abril de 1957

Ex.º Senhor Director  
do jornal «A Voz de Loulé»

Ex.º Senhor

Publicou o jornal da mui digna direção de V. Ex.º, no seu número de 31 de Março p. s. sob o título «Transportes para a Estação», um bem intencionado artigo, com considerações sobre os nossos serviços, entre estes os das ligações ao caminho de ferro.

Porque à «EVA» interessa não criar atritos, situações irredutíveis, mal-estar e má vontade, frase que consta do referido artigo e da sua própria orientação.

(Continuação na 4.ª página)

## BAIRRISMO

As automotoras diárias  
Algarve-Lisboa...  
... já têm horário!

Para aqueles descendentes que diziam que as tão desejadas e esperadas automotoras nunca mais circulavam, damos afinal a grata e sensacional notícia de que já circulam... as notícias de que as mesmas (automotoras... ou notícias...) devem começar a circular no princípio do próximo mês ou ainda no fim do corrente.

Até já tem horário... partida de Vila Real de Santo António, às 6.35, chegada a Lisboa às 12.45, regressando da Capital às 19.25, para chegar a Vila Real às 1.30.

Ainda não podemos porém informar quando passam em Loulé...

NÃO se sabe, ao certo, quando começou a vida municipal na Península Hispânica, mas crê-se que foi Sertório o portador da semente cuja origem se deveria ao clima civilizador da velha Roma. Grande general e grande político, Sertório encontrou nos Lusitanos os cultivadores da nova árvore, a qual, dentro de alguns anos, havia de espalhar seus frutos por diferentes pontos das terras àquem Pirineus, figurando Évora à cabeça.

A categoria de Município era conferida àquelas povoações que, mercê do seu desenvolvimento, davam mostras de querer vida autónoma, ou se dispunham a tratar das coisas locais com um certo interesse e carinho.

A medida que a dominação árabe foi sendo rechassada para terras de Espanha, as nossas cidades e vilas foram-se erguendo dentro e fora das muralhas, adquirindo corpo e vida que mais tarde lhes havia de outorgar direitos de cidadania, com seus forais, seus títulos e privilégios. Logo que o País adquiriu plena independência, Loulé tomou lugar na primeira fila dessas terras, e não é sem orgulho que invocamos o nome de D. Afonso III, o rei que nos deu pela primeira vez carta de alforria; outros o fizeram depois com mais largas vistas, novos títulos

(Continuação na 3.ª página)

### Al posse do novo Presidente da Junta de Turismo de QUARTEIRA

Por se ter realizado quando o nosso jornal já estava quase pronto, só no próximo número daremos aos nossos leitores o relato circunstanciado da cerimónia que no dia 13 do corrente teve lugar na Câmara Municipal de Loulé, durante a qual o seu Vice Presidente, sr. José João Ascenso Pablos, conferiu a posse de Presidente da Junta de Turismo de Quarteira ao sr. Dr. António de Sousa Pontes, quarteirense ilustre, a quem, entretanto, desde já apresentamos as nossas felicitações.

### Vice-Almirante Guerreiro de Brito

Em visita às instalações navais da Bélgica, por cujo Ministro da Defesa foi convidado, esteve há pouco naquele País o sr. Vice-Almirante José Augusto Guerreiro de Brito, nosso ilustre compatriota e prestigioso Chefe Maior da Armada, tendo no seu regresso assistido em França a exercícios navais da N. A. T. O.

## Na Casa do Algarve

O distinto investigador e escritor Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana proferiu brilhantíssima conferência sobre «A Genialidade do Infante D. Henrique»

No passado dia 4 e sob a presidência do sr. Dr. Quirino dos Santos Mealha, vice-presidente da Direcção, que tinha a ladeá-lo os srs. Drs. Garcia Domingues, presidente da Comissão Cultural e Ascensão Conreiras; e Joaquim Correia, Directores dos Serviços Administrativos dos C. T. T. e Hermenegildo Neves Franco, presidente da Comissão de Turismo; o distinto investigador e escritor Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana, sob o tema A Genialidade do Infante D. Henrique, proferiu uma brilhantíssima conferência, deliciando a assistência com tão belo trabalho, durante hora e meia.

Depois de feita a apresentação de tão ilustre conferencista pelo Dr. Garcia Domingues, o conferente apresentou o conceito da genialidade, salientando que os gênios (ao contrário do que se julgou durante algum tempo) não podem equiparar-se aos desequilibrados ou aos loucos. Pelo contrário, a genialidade deve ser considerada como a expressão mais alta do equilíbrio entre as faculdades humanas fundamentais, inteli-

(Continuação na 4.ª página)

## Em Tavira

foi inaugurado um novo celeiro da F. N. P. T.

Com grande brilhantismo, inaugurou-se no pretérito dia 7, em Tavira, um núcleo de silos para armazenamento, tratamento e conservação de milhos, em cuja construção se dispenderam cerca de dois mil contos. Presidiu ao acto inaugural o sr. Eng. Victoria Pires, ilustre Subsecretário de Estado da Agricultura, tendo assistido as entidades oficiais do Distrito, dirigentes superiores da Organização Corporativa da Lavoura e outras individualidades, entre as quais, Sua Excelência Reverendíssimo o Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro, que procedeu à cerimónia litúrgica da benção.

## Já se fala do 1.º de Maio

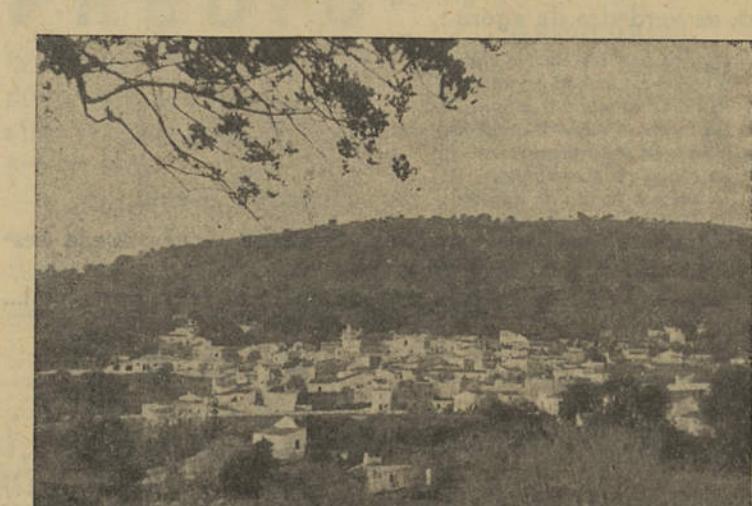
### em ALTE

tes a grata surpresa de transformar um simples passeio num prazer inesquecível...

Ali-se a isto a franca e risonha hospitalidade do seu povo, que neste dia ainda mais se expande; o à vontade que ali se desfruta; o interesse de um Cortejo de Ofertas; a animação de uma quermesse e verbenas; o folclore do seu Rancho Infantil e o entusiasmo e divertimento de um baiule ao ar livre com música a jorros... e aqui têm os preados leitores motivos mais que suficientes para explicar perfeitamente porque:

— Já se fala... e é uma tentação... o 1.º de Maio em Alte!

O programa dos Festejos que a diligente Comissão organizadora leva este ano a efeito supera em atractivos os anteriores.



... A encantadora aldeia de Alte, berço de um Poeta e sua Musa inspiradora...



A Comissão Reorganizadora da Casa do Algarve, que foi homenageada no preterido dia 31 com um almoço que lhe foi oferecido pela nossa «Casa Regionalista». Da direita para a esquerda: srs. Jerónimo Gregório Marcos, Dr. José Abílio Ascensão Conreiras, Almirante José Mendes Cabecadas, Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, Dr. Virgílio Passos e Joaquim António Nunes

ANO I  
N.º 11  
14 ABRIL  
1957



Correspondência  
para  
Casimiro de Brito  
Rua Bocage, 140  
FARO

## A mensagem de Celina Ferreira no seu livro NAVE INCORPÓREA

CELINA FERREIRA, poeta do Brasil, está aqui, NAVE INCORPÓREA, nas imagens, na poesia, na dor imensa, do seu livro de versos.

Autêntica poesia, porque a poesia não é ouro nem sorrisos, não é sol nem violinos acariciados por sereias, não é isto ou aquilo explicável, definível... A Poesia é igual a si mesmo... é POESIA.

A poesia de cada um de nós será a nossa poesia. Pessoal, mesmo intransmissível, mas igual a si própria e nascente, irremediavelmente nascente de nós.

A poesia de Celina Ferreira é vibrante, viva, tremendamente viva.

É o drama dum procura insatisfeita transformada no encontro progressivo com o nada, com a dor, com a solidão, com o desamor.

«Faz da tua dor um poema» escreveu Goethe. A poesia de Celina é a sua dor, é talvez a dulcificação da sua dor.

O Livro Primeiro, «Poemas do Desterro», é um documento humano, poético, BELO mas duma beleza singular, que dói, martiriza...

*A solidão sou eu sem refúgio de mim mesma,  
paz de ausências, desejo puro de naufrágio  
e superfície sem ondas. Sou eu criada no desterro  
e ando o silêncio e o nada.*

*A solidão mais cara que o amor e mais sofrida que a morte.*

E a solidão nua e multiplicada, a obsessão ou pessimismo da solidão. Consequência dafalda de amor, mas dum amor idealizado, dum amor infinito, e não desse amor quotidiano que não basta, erradamente amor...

*O afago humano é triste como a coisa  
que não deixa memória  
ou  
Toda a carícia para o corpo é pouca.*

E então Celina Ferreira vira-se para Deus. Mas o amor de Deus é intocável, é impossível porque o não ganhou, e se o aceita sente que o não merece:

*Meu Deus, porque me amas, se o desamor cairia manso  
como a lâ sobre os ossos, como a paz sobre os dedos?*

*Tu és amargo, meu Deus, tão amargo como os versos que escrevo.*

... e roga a presença de Deus, não em Amor mas em Dor, aquela Dor que sob a forma de fogo castiga a... cuiap/ que não me pesa como te atormenta!

Mas Deus é infinitamente bom, Deus a não castiga, por que é Amor, só Amor:

*Ah!, meu Deus, meu pobre Deus enganado!  
Acima de mim, tu és o louco irremediável  
que não ousa odiar me ou destruir-me.*

Celina Ferreira termina os «Poemas do Desterro» fechada na sua solidão, «irremediavelmente incomunicável», indiferente ao mundo ao mesmo tempo que desejando descobrir esse mesmo mundo.

*Ah! Meu corpo desesperadamente arrancado de mim  
seria a bastante imagem do tédio descobrindo o mundo.*

No Livro Segundo, «Poesia Cúmplice», o poeta multiplica-se em contradições. Mas o Amor, sempre o Amor, é a nova envolvente da sua poesia: «Tanto amor desesperado/dentro do meu coração!... O desejo de amor é tudo, é o centro da sua poesia, é o símbolo da sua dor imensa:

*Ai que vontade de amar!  
Eu sinto a vida nos braços  
que abraçaram quase nada.*

Mas o Amor, que não conhece, como será? «Ai que recesso de amar! Eu não amei quase nada.

Celina Ferreira, que começo o seu Livro Segundo com a afirmação dolorida:

*No meu corpo renovado  
eu plantei a solidão.  
Nunca mais vos abro a porta  
do meu grave coração.*

esquece por momentos a sua dor infinita, ausência do amor infinito ou mesmo imagem real, quase palpável, do seu amor infinito.

Segue-se um período de lirismo, suave, admirável, limpo, lorquiano.

Mas de novo a sua máqua, a sua solidão, o seu desespero, a sua saudade do tempo em que eram do futuro, desconhecidas, as verdades de agora:

*A infância lavada em chuva,  
o corpo crescendo agreste,  
as mãos tocando o infinito.  
Lá longe, o medo e o silêncio,  
a solidão incorpórea,  
as coisas de desengano,  
lá longe o tempo de agora*

Saudade, saudade, saudade. Saudade dum passado despreocupado, criancil, transparente.

O elogio da ausência... mas da ausência feliz, pura total...

*O corpo das louças,  
a fala e o silêncio,  
a fuga e a tristeza  
são formas de vida  
mais puras, mais puras  
que a vossa!*

Celina Ferreira realizou-se em poesia. Mas sem procurar solução. Impossível a solução, tremendamente impossível.

*Enquanto eu for, não me encontro  
nem aspiro a me encontrar.*



é meu irmão e morreu  
monta um cavalo de cartão que parece andar  
e veste um casaco preto que imaginamos asas brancas  
olha-nos sério muito sério  
como se fosse verdade o cavalo de pau que finge andar  
e o casaco preto que imaginamos asas brancas  
fecharam-no numa moldura estupidamente rectangular  
e deixaram-no suspenso na parede branca

e é só  
na brancura vertical e espantada da parede  
que eu lhe falo e sou irmão  
desmaiando os traços as tintas a madeira  
diluindo-me com ele no espaço ilimitado  
que dois cavalos correm  
que quatro asas voam

santiago do cacem

eduardo olímpio

## CINEMA

### Cinema-arte E cinema-indústria

O Cinema é uma Arte e uma Indústria. E desta dualidade advêm os maiores inconvenientes, os principais, da Sétima Arte, do negócio cinematográfico. Um filme corresponde a um investimento de capital que convém defender. O filme — obra de arte na sua essência — tem que agradar imediatamente, tem que ganhar público custe o que custar.

Então que os homens do cinema usam os chamados *elementos de chamariz* (de Armindo Blanco, esta expressão), destinados a despertar a curiosidade dos possíveis espectadores. Geralmente esses elementos de chamariz são banalidades, mas banalidades de que o público gosta, ou porque excitam os sentidos, ou porque despertam uma curiosidade latente nos espíritos.

É pois necessário que o êxito comercial no cinema, seja a ordem do dia. Porque sem êxito comercial não pode haver continuidade na produção de cinema. Di-lo John Ford, o excelente realizador de «O Denunciante» e de «As Vinhas da Ira», do seguinte modo: «Os que querem fazer do cinema a sua profissão devem ter cuidado. Na profissão um fracasso artístico não é nada; um fracasso comercial é uma condenação. É preciso tirar o melhor proveito, respeitando as necessidades comerciais. O que nem sempre é fácil...»

Assim, estamos em presença da super-necessidade de sucesso comercial, ainda que o sucesso artístico se não evidencie, como elemento-base.

Claro que temos os filmes cem por cento artísticos, obras primas, que constituem igualmente sucessos comerciais. Mas é também uma realidade que grande parte dos bons filmes, fracassam comercialmente. Temos para exemplificar «Ladrões de Bicicletas» de De Sica, «Marty» de Delbert Mann, o próprio «Rio Sagrado» de Jean Renoir. (Este inteligentemente referido numa das secções do C. C. F. pelo Dr. Fernando Ferreira, colocando-o, perante grande parte do público, no seu merecido lugar).

No entanto, o progresso da técnica, tende a suavizar esta incompatibilidade entre o Cinema-Arte e o Cinema-Indústria. Vejamos, entre os casos mais recentes, o sucesso obtido pelos filmes «Pic Nic» de Joshua Logan, «East of Eden» de Elia Kazan e «Rebel Without a Cause» de Nicholas Ray. Estamos em presença de três obras de certo merecimento, onde os interesses comerciais e artísticos se encontram inteligentemente ligados. Quer dizer, o seu sucesso, embora não devido inteiramente ao valor artístico, não prejudica de modo nenhum a sua essência ou mensagem, como obra de arte. A ligação artístico-spectacular, assumindo uma notável preponderância, colocou-os num lugar interessante. São três películas que interessam a todos os públicos — ao público — desde os espectadores ávidos de movimentação — movimentação que nos filmes vulgares se transforma em estupidez — aos que apreciam especialmente numa película o seu sentido estético, o conteúdo da sua mensagem como obra de arte.

Tal não acontece com a vulgaridade dos filmes americanos, báseados geralmente numa grandiosidade aparente, para «ingleses ver», só exterior, que desperta a atenção do espectador mas só enquanto dura o espectáculo. Depois o vazio em cada espectador, a sensação de «nada». O espectador não foi induzido a «pensar».

O espectador vulgar gosta deste género de filmes, talvez porque pensar incomoda como andar à chuva (Fernando Pessoa). Ou será porque o não ensinam a ver o bom cinema, a pensar, enfim?... E aqui que se faz sentir a necessidade do Cineclubismo, mas dum Cineclubismo só, formativo, consciente...

Não aprofundarei o assunto porque tal não é possível neste leigo apontamento; porque isto é um apontamento, precisamente.

C. BRITO

para logo a seguir afirmar, quando se encontra (?) sem o desejar...

Se procuro, não me encontro,  
se me encontro, não me aceito.

porque esse encontro não é estável, é imagem, é miragem, é quando muito saudade ou desejo.

E termina, num círculo fechado, amor solidão dor saudade desespero VIDA, quase aceitando a realidade, dando-lhes quase as mãos, mas só DEPOIS DO AMOR, desse amor que é tudo, e está além, aqui, em toda a parte, mas só depois dos dedos estendidos, sempre DEPOIS DOS DEDOS ESTENDIDOS, intocável, transitivo, impossível... AMOR INFINITO!!!

Março de 1956 (17)

CASIMIRO DE BRITO

## APLAUDE-LAS

Por João Leal

### HUURRELS

A diluirem-se na brumosa recordação dum passado cheio de pequeninos nadas que somados dão a grande realidade que é a vida, vejo erguerem-se desse sonho letárgico a que pareciam estar condenados pela angélica mão do tempo, mil cenas que lentamente se defazem de novo, nessa derrocada de ilusões e frémitos, que é o recordar!

Lembram, talvez o fumo do cigarro do companheiro fiel dos momentos cruciantes, que se consome partilhando da fraternidade dos nossos pensamentos, e que depois de se esgrimir na leveza e fragilidade dum estranho bailado, se furta à repetição do número.

Quantas vidas, assim! Heroísmos, dedicações e sacrifícios, almas de tempera plena, forjadas nessa grande atração, que é a vida.

A vida com um ontem e hoje, que já mal se fundem num amanhã visível; anseios que parecem renascer por entre os velhos muros e sonhos, que se vivem e acalentam ao sabor duma ária de Verdi ou dum trecho de Chopin.

Aquarelas — pedaços dessa mesma vida! momentos que todos temos vivido, agapes hediondos onde se traçam os vértices geométricos dum porvir!

Pois bem desçamos até à rua e incalquemos na tela da nossa alma, com a paleta da nossa sensibilidade os vultos que se cruzam, no aparente acaso de vidas sem rumo.

Uma chuva ténue cai sobre a terra e torna o calcário das ruas, mais brilhante! Só, divago percorrendo de novo estes caminhos, que são sempre os mesmos, mas que encerram sempre algo de novo — Um museu de novidades, afinal!

Fim da tarde! A lenta agonia de mais um dia, no cenário imorredouro dos sanguineos vermelhos ou dos biliosos amarelos, que no fundo são, como que o despejo da refrega-sangue e lágrimas! E depois, como espectadores desta tragédia — poetas, músicos e pintores, compondo no círculo dos seus enleios, o indiscutível clamor dum fim, que nunca é morte mas o princípio da glória!

Já não há o canto da chuva no burilar dos calcários ou nas vidraças das casas! Na rua, a noite, cobre lentamente a terra com o negrume do seu manto num momento, ganha luz e fulício, graças a uns faróis. Mas no ténue perpassar dessa centelha, confundem-se timidez e audácia e após estes segundos de corda bamba, o que era, já não é e tudo volta à normalia.

No ar, onde se cruzam os latidos dos cães vadios e pregoes retardatários, os morcegos volteiam na audácia dos seus voos — parábulas, que se cruzam na hipótese dum ponto.

O mar! O mar é o fluido que jamais se apagará da alma lusa! Vive conosco e para nós! E a estrada luminosa, balsamada por um hálito de rosas, onde se confundem glória e tragedia, mas que é sempre caminho para Deus.

Glória dum povo, que á voz do Visionário, cruza o ignoto construindo com as lágrimas a sua rota, ao som dum marulhar épico.

Tragédia! — paradoxo! Talvez, mas verdade! Sim, uma verdade que todos os anos sobe à cena, na angústia e impotência dos espectadores.

Quem não conhecia o Toino?! Bom moço; botassem o olhar e vejam a sua fama bater os casais, três milhas em redor. A sua lancha — a «Flor do Mar» — todos os anos apinhava pintura pela Sr.º do Carmo, que era quando os «milréis» do atum, vinham para as algibeiras. Nessa altura, iam ao armazém e vinha tudo novo para casa e se a temporada era boa, até um «cachuchão» de pedra azul para o Toino. Depois era o Inverno — as marés de Santa Iria, com a água quase até à porta.

Um dia, o nosso homem, foi de novo para a vida, enrolado na jologna e no fato de soriano. Foi... e não voltou! Jamais voltará? Talvez que os seus bocados apareçam putridos numas reentrâncias rochosas. Mas ninguém os reconheceria como seus! Serão os restos dum naufrago sem nome, cuja história só o mar conhece, na aguarela negra da tragédia.

No reverso do cartão em tons policromáticos despontava uma glória.

Faro, 1957

João Leal

## RECORDES

Há que admitir a arte de escrever como arte. Com as suas qualidades e direitos. E ver também através dela o artista, aquele que a maneja.

O plástico pintará, esculpirá, recortará, desenhará como e o que quiser... o músico tal qual, explorará a sua inspiração.

E porque é que o escritor não há de ter fantasias? A própria fantasia de escrever por simples gosto, ocasionalmente, derivando-se, alheando-se de um modo circular, forçado, peante?

Escrever como se respirasse, ou sonhasse ou brincasse com uma caninha na água, ou confasse as estrelas... querer dizer, se não ocasse de utilidades? se desse férias de vulgaridade premente, dura? Férias reais.

Porque escrever pode muito bem ser jogar com as palavras e dar-lhes um qualquer sentido, qualquer desusada aplicação, expansiva, particular. Sentido bem ou mal aceite, bem ou mal compreendido pelos outros... o que tanto faz! mas grato ao escritor, pessoal, em suma! Artístico, repetido, de recreio e de confirmação; pessoal, em suma! Artístico, desinteressado.

Escrever ser, quando apetecesse, uma fuga ao banal, ao que sempre se tem feito e todos fazem, e é acreditado. Ser um abandono natural, uma fantasia... pura fantasia!

Se escrever é uma arte, com as suas liberdades...

IRENE LISBOA  
em O POUCO E O MUITO

N. de C. B. — Com esta transcrição, respondemos a todos aqueles que descrem da arte moderna, e não perdem uma oportunidade de crítica acesa mas fechadamente, às fantasias da prosa ou da poesia modernas, fantasias que são afinal um desejo louvável de arrancar expressões e não palavras. Porque palavras levam o vento...

A «Voz de Loulé»—Loulé  
N.º 113—14-4-1957

## Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

## ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desse comarca, e nos autos de ação especial de divisão de coisa comum que Maria da Boa Hora Gonçalves e marido António Guerreiro Duarte, residentes no sítio da Picota de Gilvrazino, freguesia de São Sebastião, desta comarca, movem contra Alice de Jesus Gonçalves e marido Albino Martins Sebastião, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em Borges Ferro Carril, Villa Elisa, General Roca, Buenos Ayres, República Argentina, e outros, correm éxitos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o reu Manuel Guerreiro Viegas, casado, trabalhador, ausente em parte incerta do Brasil e cujo último domicílio conhecido foi no sítio da Charneca do Monte Sêco, da referida freguesia de São Sebastião, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido constante da petição inicial dos supra identificados autos, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria Judicial, para lhe ser entregue quando reclamado, sob pena de se proceder à adjudicação ou venda do prémio referido na aludida petição, com a cominação de que se não compreender ou fizer representar na conferência a que alude o artigo 1.059.º do Código de Processo Civil, ficarão vinculados ao deliberado pelos interessados ou interessados presentes, seguindo-se os demais termos dos artigos 1.059.º e 1.060.º do citado Código.

Loulé, 8 de Abril de 1957.

O Chefe da 1.ª Secção  
Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito.

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

## Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora

Partos ~ Crianças ~ Traumatismos e Injeções  
Av. José da Costa Mehalha, 38

Telefone 257 LOULÉ

## VENDE-SE

Uma moto em estado de nova, marca A. J. S., de 350 c. c.

Uma bicicleta motorizada marca Sachs.

Duras balanças décimas, sendo uma de 250 Kgs. e outra de 100 Kgs.

Cerca de 100 sacos usados.

Um engenho de ferro  
Um carro de bebé.

Tratar com Virgílio da Costa Mariano Rua Padre António Vieira.

LOULÉ

## Empregada

Precisa estabelecimento comercial.

Nesta redacção se informa.

## VENDE-SE

Um dinâmo Siemens 10 HP—110 Volts—1.000 r. p. m. Praça da República, 5 — LOULÉ.

## Empregada

Precisa-se, para serviço de escritório.

Nesta redacção se informa.

## Actividades

## da Casa do Algarve

(Continuação da 4.ª página)

— Registar em acta o mais vivo agrado pelo franco acolhimento dispensado pelo Ex.º Presidente da Câmara Municipal de Faro à ideia da construção, na mesma cidade, de um Jardim-Escola João de Deus, e pelas manifestações de entusiasmo regionalista de que a Liga Portuguesa de Profissão Social e a Comissão «Pró-Algarve» do Porto, rodeou o ex presidente da Comissão Cultural da «Casa do Algarve» e distinto Director do Arquivo Histórico Ultramarino, sr. Dr. Alberto Iria, na sua recente visita àquela cidade, a fim de ali realizar uma conferência, a convite da referida Liga, sobre o tema: «O Infante D. Henrique e as primeiras pescas longínquas no Atlântico Ocidental».

— Dar conhecimento ao artista louletano, sr. José de Brito Barracha, como ofertante da recordação do Algarve entregue pela agremiação na Embaixada Britânica, com destino à Rainha Isabel II, por ocasião da sua visita a Portugal, dos termos do gentil ofício em que a mesma Embaixada, por ordem da soberana, agradece tal oferta.

## Os aros metálicos das carroças

(Continuação da 1.ª página)

indivíduos autoados tinham as suas carroças registadas posteriormente a 1.º de Janeiro de 1955 e que, para remediar qualquer procedimento errado, foi feito o devido inquérito.

Esta medida evidencia a verdadeira compreensão da difícil e meritória função da P. V. T., pois o exercício da autoridade com justiça e sensatez é que a impõe ao respeito e à estima do público!

Embora na local a que nos referimos, não fosse a P. V. T. quem se punha em causa, agrada-nos registar a solicitude do seu comando em esclarecer possíveis erros e até [quem não é tentado por exageros...?] possíveis abusos.

Também a nós é grato pôr as coisas nos seus devidos lugares.

## MOTO

Marca TERROT, 350 cc. Em bom estado de mecânia e com pneus novos

Tratar nesta redacção.

## VENDE-SE

Um armazém e uma morada de casas, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal — LOULÉ

## AGÊNCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares

## BAIRRISMO

(Continuação da 1.ª página)

los e novos favores, todos eles a demonstrar que Loulé não se resignava a viver a vida dos morgados, sedentária e esté il.

No tempo de D. Diniz a Vila constituiu-se em fortaleza, em cujas muralhas uma sentinelas estava sempre de atalaia, atenta aos sinais de socorro que Quarteira lhe impetrava, logo que o mouro traiçoeiro punha pé em terra para pilhar gente e haveres.

Com D. João I. Loulé ocupava lugar em cortes, e o seu Hospício, embora pequeno, recebia os feridos de Ceuta, em cujo número se contavam alhos fihos da terra.

Brutes de Almeida aparece então como um diabo em corpo de mulher, brigão inveterada, mas não é sob este aspecto que os louletanos de hoje a devem considerar, mas sim como um símbolo que através do tempo deu à gente do concelho a nota de incontestável bravura.

Se deram, por vezes, a essa gente o nome de caceteiros, podiam ter acrescentado que o apodo se confundia quase sempre com heroísmo, pois tão bem manejavam o varapau nas feiras como empunhavam as armas no campo de batalha. Foi assim que a nossa terra manteve sempre um timbre de desassombro, franqueza e independência, timbre esse que D. Sebastião qualificou de nobre e notável, em homenagem às armas da Vila.

Longe de afrouxar, tais qualidades vêm vincando através do tempo novas etapas, para afirmar aos que aqui chegam que Loulé recebe a todos de braços abertos e trata os com merecido respeito, desde que não venham armados em ave de rapina ou dela oriundos. A nossa gente é assim e assim se explica o desenvolvimento que Loulé tem tido, em contraste com outras terras que

## «O Algarve»

E' nos sempre grato noticiar o aniversário de um colega mas quando, como no caso presente, é o 49.º aniversário que se festeja, ainda mais satisfeitos nos sentimos.

E' que, atingindo sem prejuízo de maior o limiar do cinquentenário, «O Algarve» dá o salutar exemplo de quanto podem os esforços, os sacrifícios e a persistência... quando bem orientados.

«Bem bonita idade para um periódico da província» — sim senhor — e bem justificado motivo para endereçarmos ao seu ilustre Director e a quantos com ele trabalham as nossas sinceras felicitações.

## Automóvel

Por motivo de retirada, vende-se um automóvel VAUXHALL F G 24-35

Tratar com José Guerreiro Bexiga — Loulé.



## Loulé... em retrato

LES falam, falam... mas estas modestas fotografias são lidas por muito mais gente que nós julgamos... Sai-se fora de Loulé, encontra-se um amigo ou uma família conhecida e logo se ouve: «Olhe que eu leio sempre o «Loulé... em retrato»! E, muitas vezes, ainda, se ouve a ingénua pergunta: «Mas quem é que escreve aquilo?»!

Bem entendido que a resposta é sempre de que desconhecemos o fotógrafo, ou de contrário, não mais fariamos qualquer instantâneo, porque passavamos a ouvir a constante advertência que em Loulé já temos ouvido: «Toma conta que isso vai para o «Loulé... em retrato»!»

Há dias, alguém nos dizia que as primeiras duas placas calcetadas da nossa sala de visitas, tinham sido alinhadas porque ficavam em frente de casas de pessoas que tinham preponderância nos assentos municipais.

Já conhecímos, desde o tempo em que se concluiu aquela metamorfose, esta insinuação venenosa... Mas agora, que já passaram alguns anos, gostávamos de saber a resposta a este «teste» de boa intenção:

— Acha que é melhor as sim, ou com o piso de areia que tinha?

— Se está bem, porque não fazem o mesmo às outras placas?

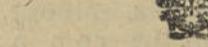
Será só para continuarem a dizer que aquelas foram feitas com intenção pessoal?

Neste caso, não é a preocupação de fazer coisas que estão bem, para poder continuar a falar do que julgam estar mal?

Vamos lá, não estejam agora a prejudicar os moradores das restantes cinco placas, só para poderem dizer que estão bem os moradores de duas!

Para falar mal de duas ou três pessoas, não há o direito de sacrificar os interesses e as conveniências de algumas cenas!

Hilário Brasino

A Voz de Loulé — Loulé  
N.º 113—14-4-1957

## Comarca de Lisboa

5.ª Vara Cível

## ANÚCIO

(2.ª publicação)

Nuns autos de ação de divórcio litigioso pendentes na 1.ª Secção da 5.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, correm éditos, com dilacção de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando Amadeu da Silva Guerreiro, negociante, cuja última residência conhecida foi no lugar de Curralo, freguesia de Alto, comarca de Loulé, e hoje ausente em parte incerta, para no prazo de vinte dias, depois de finda a dilacção, contestar o pedido de divórcio litigioso formulado por sua mulher Ildora Guerreiro da Silva, casada, doméstica, residente em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, n.º 7, cave, com fundamento nos números 4.º, 5.º e 6.º do art.º 4.º da Lei do Divórcio.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1957

O Juiz substituto, em exercício,

a) César Augusto Louro

O Chefe da 1.ª Secção,

a) José João Barreira Cardoso

## VENDE-SE

Uma casa com seis divisões, águas, luz, casa de banho e quintal com poço, sita a 5 metros da Avenida Marginal da Praia de Quarteira.

Nesta redacção se informa.

## CASA

Vende-se uma casa de 1.º andar no sítio de Jogo (Gilvrazino).

Tratar com Maria da Boa Hora Rodrigues Alho — Jogo — Gilvrazino.

Estarão a reincidir no delito de que acusam os outros.

E é muito feio estarmos a ver-nos num espelho embaciado!

Faro vai ter a sua Feira Popular a favor da Casa dos Rapazes.

Loulé, já se havia antecipado há anos, com duas Feiras Populares. E felizmente não se saiu desauro de tais realizações.

Não queremos, propriamente, dizer interessante no sentido de atracções ou divertimentos, mas sobretudo pela aproximação e convívio que estabeleceu entre a sede do concelho e as suas freguesias, que foram apreciadas pela exibição que fizeram dos seus melhores elementos, quer no folclórico, quer na beleza das suas concorrentes.

Foi bem uma iniciativa de alto alcance regional, evocativa da vida aldeã em todos os seus aspectos e méritos. Pena é que os louletanos se não enchem de capricho e organizem novas realizações deste género.

Alguém, perguntava há dias:

— Quando teremos uma pensão capaz?

— Quando entraremos num Café bem mobilado?

— Quando teremos cadeiras estofadas no Teatro?

— Quando teremos o Parque pronto?

— Quando se modificará a luz na Avenida?

— Quando... virão as automotoras?

Tanto quando! Deus meu!

Reporter X

## PROPRIEDADES

## VENDEM-SE

2 propriedades no sítio da Varzea da Ponte da Tor, sendo 1 com terra de semear e regadio e 1 morada de casas e outra com terra de semear e figueiras.

1 courela denominada «Curral da Pedra» junto à Ribeira da Tôr com alfarrobeiras e oliveiras.

1 courela de barrocal com alfarrobeiras, no sítio da Cruz da Assunção.

Tratar com Manuel Dourado Martins Sousa Eusébio — Salir.

## Não compre

Automóvel ou Fourgoneta sem consultar

Manuel Rodrigues Martins (ANICA) LOULÉ

que tem ao vosso dispor:

Fourgonetas

Taunus Utilitária — Série 20

Peugeot » 19

Borgward » 23

Automóveis

Anglia — Série 14

Minor » 16

Opel Record » 2

## Jogos Florais da Primavera

Termina no próximo dia 17 o prazo para a entrega dos trabalhos concorrentes aos Jogos Florais promovidos pelo Atlético Sporting Clube de Loulé.

## Notícias Pessoais

### Aniversários

Fazem anos em Abril:  
Em 4, a sr.ª D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco.  
Em 8, o sr. Carlos Alberto Feio Bolotinha.  
Em 11, o sr. António Santos Simões e o menino Quirino Caetano de Brito da Mana.  
Em 14, o menino Mateus de Sousa Gonçalves Cachola.  
Em 15, o sr. José da Palma.  
Em 16, o sr. Filipe Santos Vinhas.  
Em 17, o sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves.

Em 18, a sr.ª D. Ermelinda das Dores e Sousa Pinto e o menino Reinaldo Manuel Caetano de Jesus.  
Em 19, a sr.ª D. Maria da Piedade de Vinhas Pinto Lopes e o menino José Manuel Oliveira Jerónimo Guerreiro.

Em 20, a sr.ª D. Ivone dos Santos Límas e os meninos Leonel dos Santos Límas e Leonilde Morgado Martins.

Em 21, o sr. Fernando Laginha dos Ramos e a menina Maria Tomé Martins dos Santos.

Em 22, as meninas Deolinda Rodrigues Martins Anica, Maria Helena Rocheta Guerreiro Rua, Floribela da Costa Pires, o menino José Maria Calado Palma e o sr. António Simões Leal.

### Partidas e chegadas

— Acompanhado de sua esposa, vimos em Loulé o nosso estimado amigo e assinante sr. Dr. Quirino Mealha, ilustre Presidente da F. N. A. T.

— Com curta demora esteve entre nós o nosso prezado amigo e assinante Sr. Dr. Humberto José Pacheco, Director da Companhia de Seguros «Ourique».

— Mudou a sua residência da Argentina para a Venezuela o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Joaquim João Silvestre Guerreiro.

— Após uma feliz viagem na companhia de seus filhos Maria Arlete e Helder Paulo Mendonça, encontra-se já na Venezuela, a sr.ª D. Romana Gala Mendonça, esposa do nosso prezado conterrâneo e assinante naquele País, sr. Damião Casanova de Mendonça.

— De visita a sua família, esteve em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Adriano Maria Rocha Carapeto, imediato do navio petroleiro «Dondo».

### Gente nova

— Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve a sua «delivrança», no preterito dia 9, dando à luz uma menina, a sr.ª D. Maria Ivette Carrillo Ramos Mendes, Assistente Social na nossa vila, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Idalino Ramos Mendes, funcionário da Câmara Municipal de Loulé.

Aos felizes pais os nossos parabens, com votos de longa vida para a recém-nascida.

### Falecimentos

— Vitimada por uma pertinaz e dolorosa doença, faleceu no preterito dia 7, nesta vila, na sua residência na Av. Marcal Pacheco, a sr.ª D. Brígida de Sousa Oliveira, solteira, de 67 anos de idade.

A extinta era irmã das sr.ªs D. Maria do Pilar de Sousa Oliveira, casada com o sr. Joaquim Mendes Ministro, proprietário, D. Adélia de Sousa Oliveira, professora oficial, viúva, e D. Emilia de Sousa Oliveira, e cunhada da sr.ª D. Benvinda Encarnação Gonçalves Oliveira, viúva do sr. José de Sousa Oliveira.

Poucas horas depois, devido à comicação que lhe provocou a morte de sua comhada e apesar da imediata assistência médica com que foi socorrida, faleceu também a sr.ª D. Benvinda da Encarnação Gonçalves Oliveira, perante o desespero e a dor de seus filhos, o nosso prezado amigo sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira, Sócio-Tesoureiro da E.V.A., sr.ª D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira de Jerónimo Guerreiro, esposa do sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro e sr.ª D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira.

A extinta contava 68 anos de idade era irmã dos srs. António de Sousa Gonçalves, funcionário reformado de Finanças, que exerceu a sua actividade durante cerca de 30 anos na vizinha vila de S. Braz do Alportel e do sr. José Gonçalves, proprietário, residente em Buenos Aires.

O infarto acontecimento comoveu profundamente quantos dele tiveram conhecimento, pois, as desdostas sehoras eram muito conhecidas e estimadas, não só na nossa vila como em Faro.

No duplo funeral encorpararam-se centenas de pessoas de todas as condições sociais e em que a Empresa de Viação Algarve estava largamente representada numa sentida manifestação de pesar.

A família enlutada apresenta a «Voz de Loulé» os seus sentidos pesames.

LEIA!  
ASSINE!  
DIVULGUE  
«A Voz de Loulé»

## A Ligação Rodoviária às automotoras

(Continuação da 1.ª página)

ção industrial, ouvimos solicitar-lhe o favor da publicação dos seguintes esclarecimentos que, na sua singeleza, oferecem largos motivos de ponderação a todos os interessados no problema focado:

1 — As ligações ao caminho de ferro têm vindo a ser efectuadas, pela «EVA», há mais de duas dezenas de anos, sempre com prejuízos importantes. Para dar uma melhor ideia desses prejuízos, basta que se indiquem os respeitantes aos últimos quatro anos:

Em 1953 ..... 25.821\$64  
Em 1954 ..... 25.485\$48  
Em 1955 ..... 24.113\$70  
Em 1956 ..... 26.175\$45

A razão destes números encontra-se na falta de tráfego, pela muito fraca utilização da carreira. Porque um automóvel de aluguer cobra sómente 20\$00 e porque muitos passageiros levam consigo pessoas que se vão despedir, aqueles optam pelos «táxis». Outros passageiros possuem automóveis próprios, etc., do que resulta uma frequência de quatro ou cinco indivíduos mais pobres, para o transporte colectivo, em cada horário. E isto tem-se verificado desde sempre, crescendo o desinteresse pela carreira, de ano para ano.

Acresce que as actuais ligações são feitas a horas muito matutinas ou nocturnas, o que implica aumento do custo da exploração, com horas extraordinárias para o pessoal.

2 — Não obstante a experiência nos demonstrar claramente a insuficiência do tráfego de camionagem de passageiros entre Loulé e a sua estação do caminho de ferro, concordou esta Empresa efectuar ligações às automotoras Lisboa - Algarve, logo que estas inclassem o seu serviço efectivo. Isto consta de acordos com a Dig.ª Câmara Municipal de Loulé, há muito concluídos. Sucede que, até aqui, nenhuma indicação temos quanto ao início dos serviços das automotoras e seus horários. Cabece, portanto, de oportunidade toda a matéria do artigo publicado por V. Ex.ª, no que respeita à colaboração aconselhada a esta Empresa, visto que tal colaboração já estava prometida.

3 — Mas a colaboração desta Empresa só poderá ser mantida no caso da exploração resultar, visto que ninguém poderá com justiça e equidade, exigir que se entre pelo caminho de novo encargo a juntar ao provocado pela ligação aos comboios correios. Ou o público utilizará as ligações em número suficiente para as justificar e manter, ou não será de exigir mais encargos a uma exploração que, actualmente, já proporciona cerca de 25 contos de prejuízo, por ano. De resto a lei é bem clara e prevê, para casos desta natureza, que alguém ou a empresa ferroviária, subsídiam as ligações rodoviárias, na medida do conveniente e justificável (artigo 87.º do decreto n.º 37.272).

4 — Cabe, nesta altura, comentar as relações entre esta Empresa e o concelho de Loulé. Como muito bem foi focado naquele artigo, tais relações têm sido sempre orientadas no interesse do público, com os bem patentes benefícios para as duas partes.

Mas poder-se-á colocar o caso das ligações rodoviárias, ao caminho de ferro, como uma impetuosa necessidade? Isto é o que iremos constatar, perante o movimento de passageiros que se verificar, de futuro. Certamente e sinceramente desejamos que a média do tráfego justifique o serviço, ao contrário do que está sucedendo com

**ATENÇÃO**  
Aos nossos prezados colaboradores pede-se o especial favor de enviarem a sua colaboração escrita à máquina ou então o mais legível possível, pois o original difícil de compreensão e as alterações no original depois de composto mecânica emente vem ocasionar grandes prejuízos aos próprios interessados.

# A Voz de Loulé

## A ARTE MODERNA

Apontamento sugerido pela leitura de «Música Moderna», de António Augusto Santos

que não! Aceitar sem compreender é continuar a ignorar.

Será de bom aviso negar-se, pura e simplesmente, a «arte moderna»? De certo que não! Repelir sem compreender é continuar a ignorar.

3.º — Posto isto, quer-me parecer que a posição que se deve preferir terá que ser, essencialmente, estúdiosa e compreensiva.

Só assim, estudo e procurando compreender, deixar a sensibilidade do crítico (ou do simples curioso) de ser condicionada por conceitos limitadores, que são fundamento de concepções artísticas já ultrapassadas e anacrónicas.

Sem se cair no extremo de criar «figurinos» artísticos ou literários que sofram modificações tão rápidas como as da moda feminina, parece todavia lícito afirmar, por exemplo, que não há hoje na poesia lugar para a epopeia clássica. Isto significa, não que «a epopeia passou de moda», mas apenas que não é possível no mundo actual surgir um condicionalismo estético ideológico semelhante àquele donde nasceram as grandes e opeias greco-latinas ou «Os Lusíadas».

4.º — Afinal, com estas considerações, o que eu queria fazer notar era que, antes de se condenarem sumariamente as novas concepções artísticas, classificando as negativamente apenas porque se não conformam com moldes e processos que nos pareciam intangíveis — antes, portanto, de se regressar à admiração de uma «arte clássica» que não satisfaz, presentemente as exigências do tempo nem a sensibilidade dos artistas — é bom que se procure compreender essa arte sobre a qual a todo o momento são lançados violentos anátemas.

Será desejável uma rendição incondicional do público às inovadoras qualidades de expressão da «arte moderna»? É evidente que não é possível no mundo actual surgir um condicionalismo estético ideológico semelhante àquele donde nasceram as grandes e opeias greco-latinas ou «Os Lusíadas».

Aqui o deixo escrito.

Coimbra, Março de 1957.

Valdemar Andrade

## Fala a razão

(Continuação da 1.ª página)

garve continua a ser uma província entediada, embora aqui se trabalhe com o mesmo afínco e anseio de tornar grande e belo todo o espaço que vai do Algarve ao Minho, tal como no resto do País.

Do discurso deste nosso preclaro conterrâneo destacamos o seguinte período:

No ano de 1955 houve uma dificuldade de colaboração para um saldo de 750 toneladas, que acabou por ser resolvida pela Junta Nacional de Vinhos, em resultado de diligências feitas pelo Grémio de Exportadores de

Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve. Para a campanha de 1956 o caso apresenta-se com certa gravidade, visto que se encontram sem coloção.

e em risco de se perderem cerca de 3 000 toneladas de figo industrial que em

virtude das medidas restritivas impostas pela portaria n.º 14.354 só podem

ser absorvidas pelos industriais de Torres Novas, que o não fazem certamente por qualquer impossibilidade funcional ou

conveniência comercial, visto que não há obrigatoriedade legal para o fazer.

Criou-se um privilégio sem as subsequentes obrigações.

Formulamos os melhores votos para que a voz

deste ilustre representante do Algarve se repercuta,

em eco, nas esferas oficiais, de molde a que a

justiça, que nos assiste,

entre os quais temos o prazer de nos

contar, sendo portanto de esperar

que «A Voz de Loulé», bem como os

colegas ali compostos e impressos,

passem a ter um aspecto gráfico muito melhorado.

Merce assim a Tipografia União

que só os nossos parabens, como

também a gratidão pelo elevado cri-

tório que presidiu a este importante

melhoramento.

## Uma máquina de compor

INTERTYPE

ao serviço do Algarve

na Tipografia União

PRESIDIDA por Sua Ex. Rev.º o Senhor D. Francisco Rendeiro e com a assistência do sr. Governador Civil do Algarve e outras altas individualidades e representantes de jornais da nossa Província, realizou-se no passado dia 9, a bênção e inauguração solene da moderna máquina de compor «Interstype» adquirida pela Tipografia União.

Com esta valiosa aquisição, fica o equipamento tipográfico desta acreditada oficina apto a servir de maneira eficiente, mais primorosa e até talvez mais económica, os seus clientes, entre os quais temos o prazer de nos

contar, sendo portanto de esperar que «A Voz de Loulé», bem como os

colegas ali compostos e impressos,

passem a ter um aspecto gráfico muito

melhorado.

Merce assim a Tipografia União

que só os nossos parabens, como

também a gratidão pelo elevado cri-

tório que presidiu a este importante

melhoramento.

## Actividades

da Casa do Algarve

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na última reunião:

— Promover a convocação do Conselho Superior Regional para, em reunião conjunta com as comissões Cultural e de Turismo e Propaganda, estudar as bases de uma representação a apresentar superiormente sobre a necessidade da urgente urbanização de Sagres e S. Vicente, com a evocação da memória do Infante D. Henrique e das tradições cristãs de ambos os locais.

(Continuação na 3.ª página)

## VENDE-SE

1 secretaria grande em mogno e uma banheira — Rua do Repouso, 4 — Faro.

## BILHETES POSTAIS

### de Lisboa

por Luís Sebastião Pires

### Il Trota Bacalhoeira

Após a bênção da frota bacalhoeira que teve este ano a presença do Chefe do Estado, e cuja cerimónia se revestiu de um brilhantismo desusado, mantendo-se assim a tradição que há 20 anos se vem efectuando os nossos bacalhoeiros foram de abalada para uma campanha.

Dentro de algumas semanas vão encontrar-se a pescar nos bancos da Terra Nova e da Gronelândia setenta e dois navios portugueses. É mais pão, mais alegria, a luta pela vida... o sustento da família, e também, um somatório de sacrifícios, canseiras e tristezas... contudo, a nossa gente do mar, esses valentes lutadores, representam alguma coisa de grande na vida da Nação; são bem os obreiros da economia da Nação!

A partida é sempre coisa dura! Uma família que chorar, uma noiva que aguarda mais uma campanha para ver realizados os seus sonhos: — o casamento — prólogo de um grande Amor... são rostos suculados de rugas profundas das mães e esposas — máscaras hirsutas e envelhecidas pelas longas horas de sacrifício e esperas, — que se enquadram bem no cenário colorido das camisolas aos quadros, típico dos nossos pescadores bacalhoeiros.

«São os seus homens» que vão buscar o pão de cada dia — chamam elas — não sem correrem os riscos traíqueiros do Mar, esse Mar que faz parte da vida comum deles — seu amigo e também o seu mais feroz inimigo! Que Deus os traga em Bem com farta pesca!

A efectivação na Assembleia Nacional, do aviso-prévio do deputado e antigo ministro sr. Eng.º Daniel Barbosa